



MULHER, ATLETA E LÉSBICA: ASSUMINDO RISCOS

Resumo - O ambiente esportivo carrega em si, desde os primórdios, uma estrutura machista e consequentemente homofóbica. Com o passar dos anos, atletas fora da heteronormatividade começaram a se assumir enquanto parte da comunidade LGBTQIA+, trazendo uma nova visão para os exemplos de heroísmo para a sociedade. Diante disso, através de uma pesquisa qualitativa, feita com as maiores referências esportivas, mulheres que são ou foram atletas olímpicas, que se assumiram fora da heterossexualidade - porém dentro do esporte – observamos quais mudanças aconteceram depois desse assumir; como e qual foi a repercussão da mídia e o que isso acarretou a carreira das atletas. A seguir iremos ver um resumo da vida dessas mulheres olímpicas através de uma entrevista interpretada pela análise de discurso com tópicos como homossexualidade, reações externas e públicas, e preconceito dentro do esporte.

Palavras-chave: mulher; atleta; lésbica, esporte.

WOMAN, ATHLETE AND LESBIAN: TAKING RISKS

Abstract – The sport environment carries in itself, since the beginning, a sexist structure and, consequently, homophobic. Over the years, athletes outside of heteronormativity began to assume themselves as part of the LGBTQIA+ community, bringing a new vision to the examples of heroism for society. Therefore, through qualitative research, carried out with the greatest sports references, women who are or were Olympic athletes, who assumed they were outside heterosexuality, but within the sport. Below we will see a summary of the lives of these Olympic women through an interview interpreted by discourse analysis with topics such as homosexuality, external and public reactions, and prejudice within sport.

Keywords: woman; athlete; lesbian; sport.

MUJER, ATLETA Y LESBIANA: ASUMIENDO RIESGOS

Resumen - El entorno deportivo lleva en sí mismo, desde el principio, una estructura sexista y, en consecuencia, homofóbica. A lo largo de los años, los atletas fuera de la heteronormatividad comenzaron a asumirse como parte de la comunidad LGBTQ +, aportando una nueva visión a los ejemplos de “héroes” en la sociedad. Por tanto, a través de una investigación cualitativa, realizada con las mayores referencias deportivas, mujeres que son o fueron deportistas olímpicas, que asumían que estaban fuera de la heterossexualidad, pero dentro del deporte. A continuación, veremos un resumen de la vida de estas mujeres olímpicas a través de una entrevista interpretada por análisis del discurso con temas como la homosexualidad, las reacciones externas y públicas y los prejuicios dentro del deporte.

Palabras-clave: mujer; atleta; lesbiana; deporte.

*Júlia Botelho de Faria
Borges*

jubotelho07@gmail.com

*Universidade Federal de
Lavras, Brasil*

*Raoni Perrucci Toledo
Machado*

*Universidade Federal de
Lavras, Brasil*

Waleska Viço Francisco

*Universidade de São
Paulo, Brasil*

*[http://dx.doi.org/
10.30937/2526-
6314.v5.id141](http://dx.doi.org/10.30937/2526-6314.v5.id141)*

Recebido: 03 dez 2021

Aceito: 22 dez 2021

Publicado: 30 dez 2021

Introdução

Dentre os esforços atuais em defesa da ampliação dos direitos e da redução das formas de violência e intolerância que afetam a população LGBTQIA+, sem dúvida as ações de visibilidade estão entre as mais reiteradas.

A Parada LGBTQIA+, organizada na cidade de São Paulo, só no ano de 2019 reuniu cerca de 3 milhões de participantes. Mais que um evento festivo e rememorativo das primeiras manifestações estadunidenses no bar *Stonewall Inn* no ano de 1969, essa é uma manifestação que têm como uma de suas premissas fundamentais validar as existências LGBTQIA+, as quais na maioria das vezes são aniquiladas e/ou sobrepostas por um padrão cis heteronormativo. Entre as pautas está, portanto, fazer aparecer as experiências repelidas e marginalizadas por um sistema que regula toda uma estrutura social e institucional organizada de modo a legitimar e conferir direitos fundamentais apenas às identidades que atuam de acordo com a norma cis heteronormativa.

Em paralelo, atletas de alto rendimento se tornaram figuras públicas de projeções humanas, como a autodisciplina, a derrota, a superação, do impossível ao extraordinário. Condutas análogas às presentes no imaginário heroico e reforçadas com frequência pelas fontes midiáticas. Por conseguinte, atletas que se auto referem como parte da sigla LGBTQIA+ além de replicar essas mesmas idealizações heroicas, em soma, são retratados (as) como representantes do *coming out* (“saída do armário”) e das possíveis consequências decorrentes de tal ato - sejam estas negativas ou enriquecedoras. Em suma, podem tornar-se referências éticas e comportamentais para os demais.

Assim, a discussão proposta neste artigo aponta para, no mínimo, duas vertentes: por um lado a autoafirmação pública de atletas olímpicas lésbicas brasileiras (público-alvo da pesquisa) oportuniza um espaço de representatividade e, portanto, de exteriorização e diálogo sobre os interesses coletivos e individuais que atravessam tais vidas, mas, em contrapartida, a enunciação da experiência homoafetiva também incita especulações e julgamentos morais, bem como enquadra a sexualidade como o fato mais relevante da vida dessas atletas.

Com base em uma metodologia qualitativa constituída por entrevistas semiestruturada, a princípio objetivamos uma aproximação às situações esportivas-narradas pelas atletas - que pudessem ser consideradas de opressão, preconceito e/ou

homofobia, e suas relações com um projeto olímpico resistente as expressões de gênero e sexualidade não-normativas. Também tratamos da exposição não consentida da experiência homoafetiva pelas mídias e, na contramão, de relatos de acolhimento e respeito por parte do círculo de pessoas mais próximas as atletas. Dentre as contribuições mais significativas das entrevistas, situam-se a particularidade de cada experiência e o retrato e a resposta de cada modalidade frente à temática da homossexualidade.

Referencial teórico

Atletas

Debatendo sobre a caracterização em que se relaciona o(a) atleta ao mito do herói, Rubio¹ apresenta as seguintes características de atletas profissionais

Esse indivíduo a quem nos referimos, que vem a ser identificado como um ser raro, um entre milhares, usufrui dessa condição [ser herói] uma vez que é mínima a parcela da população que pratica esporte com finalidade competitiva e consegue atingir níveis de atuação e exposição que justifiquem a sua situação de ídolo. O preparo físico (e por que não psicológico também) extraordinário que tem o atleta, que envolve a explicitação inevitável da busca e superação de limites, torna-o alvo de identificações e projeções, levando-o a ser adorado por sua torcida, e respeitado, e por vezes odiado, pelos adversários (p. 100).

Portanto o que identificamos enquanto atleta profissional tem uma visibilidade e é dado como exemplo desde os primórdios da humanidade, podendo ter seu início de fato sendo ambientado na Grécia Antiga, quando tal reconhecimento teve seu começo de projeção para a sociedade, enaltecendo esses heróis* e trazendo-os não só como pessoas com um estilo de vida a ser seguido, mas também pelas conquistas a serem exaltadas.

O heroísmo de atletas é colocado como uma representação do imaginário coletivo conforme explicita Rubio¹, ou seja, estamos dizendo sobre uma pessoa

*Na educação grega antiga, as virtudes relacionadas às heroínas diferiam da dos heróis. Instruíam-se as mulheres helênicas às virtudes do espírito como a sagacidade, a bondade, a prudência, o senso de justiça, o amor às artes e a agudeza mental. Já os homens, além dessas, podiam desenvolver as virtudes do corpo, como: vigor, força, beleza e destreza.

idealizada por nossas projeções de crenças e anseios, bem como a necessidade de cada um de superar ou ultrapassar os limites humanos. Jovens e crianças podem vir a desejar e atuar como um (a) esportista por meio de características e recursos do imaginário que estão presentes no esporte. Esse imaginário coletivo é reforçado pela mídia que traz a constante luta e satisfação do ou da atleta, sendo esse ou essa visto como alguém que desfruta de prazeres e regalias especiais em relação ao restante da população.

Para além disso, a mídia e o esporte estão unidos em uma relação de reciprocidade, visto que a cultura e o fenômeno esportivo estão em um processo de mundialização crescente, no qual não há mais a renúncia da participação da mídia em sua produção, difusão ou transformação². Ela é responsável e capaz de construir, armazenar, reproduzir, reconstruir e circular significados acerca do mundo, visto que estão inseridos em um espaço e tempo determinados, mas sem limitar, tendo que repassar para pessoas que não estão participantes espacial e temporalmente naquele momento. Com isso, a mídia tem um papel central e muito importante na criação de métodos referentes à naturalização da igualdade de hierarquia entre gêneros, como veremos mais à frente.

Jogos Olímpicos

Os Jogos Olímpicos são um evento de extrema mobilização e repercussão, principalmente midiática. Fazendo uma pequena retomada, teve sua origem em Olímpia, na Grécia, no século VII a.C. E como filosofia, havia a busca pela integração dos povos, paz, solidariedade e, principalmente, educação de homens através do esporte. Conforme explicado na obra de Rubio, Reppold, Todt e Mesquita³, “O espírito competitivo dos jogos gregos era uma contrapartida da arte da guerra e tinha uma grande profundidade espiritual e religiosa, enquanto hoje tem um caráter ‘producionista’ e um forte matiz político (p. 217-218)”. Após uma interrupção dos jogos por 15 séculos, foi retomado no final do século XIX por Pierre de Coubertin, com o intuito de dar início a uma organização internacional que pudesse manejar uma atividade que fosse capaz de moldar e transformar a sociedade, no caso o esporte. Se dividem em Jogos de Verão e Jogos de Inverno, acontecendo de quatro em quatro anos, tradição advinda da Grécia antiga, e alternando-se entre eles de dois em dois anos. Contudo, a retomada do chamado Jogos Olímpicos da Era Moderna em 1896 tinha como foco apenas

competidores homens, fazendo assim com que a presença feminina fosse proibida. Essa decisão da restrição se manteve apenas durante a primeira edição dos Jogos, devido a grande pressão de movimentos de inclusão feminina em diferentes setores sociais, incluindo o esporte.

Com toda sua visibilidade dentro da sociedade atual, Rossi⁴ destaca o espaço da mídia esportiva aumentando em detrimento da proporção de tal evento. E não somente a especializada, mas em todas suas categorias. Segundo a autora, “As competições femininas, masculinas e mistas são contempladas com uma maior variedade de reportagens e destaques a atletas e equipes, incluindo mais possibilidades de visibilidade a atletas e equipes femininas (p. 12)”.

Souza e Knijnik⁵ dissertam sobre o espaço midiático não se privar apenas as conquistas, desempenho e carreira das atletas. A mídia também procura relacionar o esporte à vida pessoal das atletas a fim de mostrar que, além de terem uma carreira de sucesso e estarem inseridas no contexto esportivo, elas ainda têm outras áreas da vida que continuam como ‘deve ser’, ou seja, para além da carreira ainda buscam ressaltar que são mães, estudantes, homossexuais. Fazendo com que isso tire delas a imagem de heroína perfeita que até então não teria defeitos, e as traz para a realidade da população, para que sejam um exemplo a ser seguido não só profissionalmente como também no âmbito pessoal. Quem estiver recebendo essa informação passada pela mídia irá se conectar com a atleta em uma relação que será estabelecida a partir dessa semelhança com as mulheres do dia a dia.

A não heteronormatividade dentro do alto rendimento

Diante disso que foi colocado sobre o papel da mídia como criadora de opiniões além de disseminadora de informações, temos visto cada vez mais uma inquietação quando comentado sobre as sexualidades e práticas sexuais de atletas nesse mundo esportivo. O assunto e a discussão sobre orientações sexuais se popularizaram no final do século XX e tendo muito mais visibilidade a partir do século XXI, quando cada vez mais atletas vieram a público levantar a bandeira do Movimento LGBTQIA+ como uma forma de mostrar que a voz não seria mais calada.

A indignação colocada por Camargo⁶ diz respeito a como isso é moldado, fazendo com que uma decisão tão importante da pessoa seja colocada nos tabloides

como assunto recorrente na imprensa mundial, principalmente perto e durante a época de Jogos Olímpicos. A revelação da homossexualidade no meio esportivo vem incomodando a opinião pública.

Vale demarcar, antes de tudo, que a referência a ‘sair do armário’ ou ‘do closet’ tem estreita relação com o verbo *to come out*, que significa, genericamente, fazer-se aparecer ou tornar algo público. No entanto, também pode significar *to declare one self openly* (declarar-se abertamente) e tal acepção adquire maior peso quando a expressão é pronunciada no tocante à orientação sexual: ‘declarar-se’ *gay* ou lésbica, por exemplo, passaria de uma questão íntima (privada) para um domínio público e, portanto, alvo de julgamentos morais (p.2).

Tredway⁷ exemplifica essa inquietação citando a atleta francesa de tênis de quadra Amélie Mauresmo que, ao se assumir enquanto mulher lésbica recebeu da mídia descrições masculinas tanto sobre seu corpo quanto a sua caracterização física. Ou seja, no caso de Mauresmo, ser lésbica trouxe o entendimento visual de masculinidade. Fato esse a ser discutido por Wittig⁸, nos trazendo a existência do pensamento hétero como padrão, e tudo que esteja nas extremidades como sendo adjacente. Ao rebater forte em uma bola de tênis, Mauresmo foi rotulada com aparência masculina, remetendo ao fato de que socialmente se reconhece tal capacidade apenas nos homens, excluindo as mulheres de tal proeza. Ser lésbica, mudaria essa perspectiva, pois estaria fora do padrão feminino heterossexual de fragilidade.

Segundo Goellner⁹, os estudos relacionados aos esportes que dão visibilidade às sexualidades divergentes da heterossexualidade ainda são poucos e possuem baixa circulação, o que acaba praticamente invisibilizando os sujeitos que escapam da norma heteronormativa. Ao ser entrevistado por Rodrigues¹⁰, o historiador olímpico Tony Scupham-Bilton aponta um dado no qual cerca de 257 atletas LGBTQIA+ teriam participado de Jogos Olímpicos desde o ano de 1928. Porém, muitas histórias só se tornaram públicas após a época competitiva de tais atletas – fato este que instigou tal estudo.

Para além do entendimento da lesbianidade como forma de masculinização das mulheres, temos que abordar sobre o preconceito. Para Silva¹¹ isso é uma atitude hostil ou negativa para com determinado grupo baseada em generalizações deformadas ou

incompletas, porém, teoricamente, o preconceito também pode ser positivo, mas sendo utilizado pela população leiga para se referir a atitudes negativas.

Já tratando de pesquisas referentes ao preconceito contra homossexuais, em uma análise de discurso religioso, observou-se que instituições religiosas ocidentais consideram os homossexuais como pecadores e, por causa da orientação sexual destes, as mensagens utilizadas pelas instituições são as de que os homossexuais são indivíduos indesejáveis que não podem participar das atividades religiosas¹².

Diante de todo esse cenário de exclusão, preconceito e discriminação que tem acontecido desde os primórdios, a população LGBTQIA+ se uniu para que houvesse um evento esportivo em que não se sentiriam mais deslocados, almejando criar uma atmosfera amigável para a prática de esportes por pessoas que não se consideravam heterossexuais, o *Gay Games*. Idealizado por Tom Waddell, atleta olímpico que competiu na edição de 1968 dos Jogos Olímpicos e se esforçou para a realização do mesmo, a origem do nome é controversa até hoje, uma vez que em uma disputa judicial no início dos anos 1980, o Comitê Olímpico Norte-americano (USOC) proibiu a Federação dos *Gay Games* (FGG) de se apropriarem da expressão ‘*Olympics*’, uma vez que “difamava o espírito olímpico”¹³. A partir de então, no verão de 1982 aconteceu a primeira edição dos *Gay Games* tendo São Francisco como cidade sede, que incluiu homossexuais, bissexuais, travestis, além de deixar espaço aberto à participação do público heterossexual.

Todas essas colocações e afirmações mostram o motivo de tanto questionamento sobre a homossexualidade em meio ao esporte e a importância da fala das atletas sobre suas experiências, principalmente por vivenciarem o alto rendimento tão fatidicamente como atletas olímpicas. A falta de influências brasileiras femininas assumidas no esporte enquanto LGBTQIA+ trouxe uma falta de representatividade no início do século que está sendo suprida agora. Crianças e jovens fora do padrão hétero que cresceram na última década têm visto cada vez mais atletas se descobrindo e se assumindo publicamente. Um importante ganho para a comunidade LGBTQIA+ e para a comunidade esportiva.

Objetivos

A pesquisa tem como objetivo relatar e interpretar experiências vividas por atletas olímpicas que se assumiram enquanto lésbicas durante ou no pós-carreira, descrevendo as possíveis influências que a decisão teve para o mundo esportivo e buscando entender o que as motivou para tal propósito, se houveram comportamentos discriminatórios, como enfrentaram e qual foi a recepção da equipe esportiva diante de tal fato.

Metodologia

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, que foi realizada através de uma entrevista semiestruturada com as participantes. Foram voluntárias da pesquisa 3 atletas mulheres que competem ou já competiram em ao menos uma edição dos Jogos Olímpicos, adultas, que se identificam enquanto LGBTQIA+, e que aceitaram participar da pesquisa após convite.

O contato inicial se deu por meio de redes sociais e/ou celular, pelos quais foram expostas as características e objetivos da pesquisa. Após o aceite das participantes, foi enviado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) via *Google Forms* para devida autorização da participação.

Em um segundo momento, foram marcadas entrevistas semiestruturadas com as atletas para a coleta de dados. Essa entrevista se baseava em duas pontuações centrais em que as participantes discorreriam sobre o tema proposto de forma livre, contando experiências próprias. Os aspectos abordados foram:

- Me conte uma história de alguma coisa que aconteceu depois que você se assumiu.
- Qual foi um momento em que sua sexualidade foi colocada em evidência? Seja pela mídia, pelo público, por colegas, pela família. Como você se sentiu?

As entrevistas foram realizadas via *Google Meet* para que pudessem ser gravadas a fim de que fossem transcritas posteriormente. Antes de iniciar, o TCLE foi relido e dúvidas foram tiradas.

Para tratar do assunto apresentado, realizamos uma análise de discurso das entrevistas das atletas. Os assuntos tratam sobre a realidade e percepção de quem

observa e quem está sendo observado, levando em conta o respeito no esporte, preconceito, a sexualidade em evidência e a representatividade no esporte de atletas que estão em constante foco, se tratando de olímpianos.

Resultados e discussão

A partir desse momento, por questão de sigilo e proteção das participantes da amostra, estas foram identificadas como A1, A2 e A3. Todas elas foram atletas mulheres que já competiram em ao menos um Jogos Olímpicos e que se entendem pertencentes da comunidade LGBTQIA+ como lésbicas. Partindo de 3 modalidades diferentes, sendo elas Taekwondo, Rúgbi e Futebol, temos as atletas A1 e A3 já aposentadas do esporte, porém A2 continua atuando ativamente na sua modalidade.

Durante as entrevistas foram feitos dois pedidos. O primeiro para que as atletas contassem alguma situação que aconteceu depois que elas se assumiram e o segundo para que elas contassem um momento em que a sexualidade tenha sido colocada em evidência, seja pela mídia, pela família ou por colegas, por exemplo. Com as respostas dadas, foi possível perceber situações de respeito no esporte, de preconceito, da sexualidade em evidência e de representatividade.

Tratando de respeito e preconceito, todas salientaram que não existiram situações discriminatórias durante a trajetória de atleta, porém destacamos a fala de A3 em que, logo após responder que não havia passado, conta sobre uma situação ocorrida dentro do ambiente de trabalho

[...] é [...] os treinadores, comissão técnica, as atletas, todos sabiam. Dentro da Seleção Brasileira também, no tempo que eu joguei, todos sabiam, mas pra mídia, nas redes sociais, pro público, eu me assumi faz pouco tempo. [...] depois que eu me assumi publicamente eu tive um retorno bem positivo até. Bem melhor do que eu esperava. Só que ao mesmo tempo é um pouco assustador a repercussão que dá. (comunicação pessoal)

A partir do momento que às vezes você faz um treino ruim, que você faz um jogo ruim, ou às vezes você não tá em um bom dia, todo mundo já começa a associar isso com seu relacionamento [...] só que quando tá tudo bem, tá tudo bem. Mas quando acontece algo negativo, sempre colocam a culpa pro relacionamento. (comunicação pessoal)

Eles falam que entendem, mas o primeiro obstáculo; uma coisinha que acontece, eles já mostram o contrário entendeu? Então é bem complicado. (comunicação pessoal)

O mesmo conflito de paradoxo entre ser respeitada e nunca ter sofrido preconceito pode ser reparado nas falas da A1

[...] na época das Olimpíadas vários e vários e vários meios de comunicação, é... Tv, internet, jornais, tudo vieram falar comigo: ‘o que que você, é... como foi quando você se assumiu, quantas vezes você sofreu preconceito’ e eu falo ‘gente... é, assim, eu não vou falar o que todo mundo quer ouvir, eu vou falar o que realmente aconteceu comigo: eu nunca sofri preconceito pela minha sexualidade’. (comunicação pessoal)

Mas logo depois conta

Ah, já aconteceu uma vez ou outra de tipo ‘tá’ na pesagem e a gente tem que ficar de top e de calcinha. Já aconteceu de uma ou outra ficar desconfortável de estar perto, mas [...] não ligo. Não sou de ficar indo na internet fazer textão, não sou de ficar triste. Não ligo mesmo, porque é coisa que pra mim não ia mudar nada. (comunicação pessoal)

Como colocado por Guimarães¹⁴, o preconceito é uma crença preestabelecida nas qualidades morais, intelectuais, psíquicas, físicas e/ou estética de uma pessoa diante de uma ideia tida anteriormente, e esse preconceito pode ser revelado de diversas formas, como verbal ou comportamental. Quando colocado de forma sutil, como foi exemplificado acima pelas atletas, são ignorados e tratados como situações de normalidade. Ainda que se adote o posicionamento contra a discriminação à população LGBTQIA+, existem práticas enraizadas de intolerância e violência ‘sutis’ que são mais difíceis de identificar e abordar.

Em contrapartida, existem formas explícitas não só em relação à comunidade LGBTQIA+, mas também com a objetificação das mulheres, como foi descrita pela A2 em uma situação vivida em um período pós Jogos Olímpicos

[...] Então [...] Uma história depois disso foi um momento de constrangimento de fazer uma entrevista... Ser chamada para fazer uma entrevista pra um canal e foi, e de repente chegou na pauta Musas Olímpicas. E eu fiquei: ‘como eu tiro minha cara disso?’, porque foi assim, objetificação das mulheres atletas. (comunicação pessoal)

Me deu muito esse choque de perceber que existem esses preconceitos muito fortes ainda e vai demorar muito para conseguir quebrar esses pensamentos e ter essa conversa sobre estereótipos de gênero, de

heterossexualidade, de [...] como norma da sociedade. (comunicação pessoal)

Entrando no mérito de serem reconhecidas como mulheres atletas que porventura são lésbicas, todas fizeram a mesma colocação. Não querem ser resumidas apenas à sexualidade. Algo que Souza e Knijnik⁵ colocam ao relacionarem o esporte com a vida pessoal das atletas. Mas ao mesmo tempo, uma inquietação para Camargo⁶, pois ainda existem veículos de notícias que trazem essa decisão de se assumir como pauta principal quando falam de determinados(as) atletas.

A atleta A2 fez uma consideração perfeita em relação a essa discussão, em que disse

Até que hoje em dia eu brinco que eu preciso relembrar as pessoas que eu atuei nos Jogos Olímpicos e não fui só pedida em casamento lá. Mas sim, foi de repente muitas entrevistas que eram pautadas nesse assunto, pra eu falar sobre diversidade sexual, falar sobre inclusão no esporte, que eu acho maravilhoso e que é incrível que essa pauta esteja chegando cada vez mais no *mainstream*, mas ao mesmo tempo... e por isso talvez alguns atletas e alguns atletas não se assumam, porque o foco realmente vira atleta gay, atleta lésbica. E isso vai ser sempre um ponto muito prioritário parece, pra a mídia. (comunicação pessoal)

Não quero que eu seja só a atleta lésbica, eu quero ser uma atleta. Eu sou uma atleta. E ser lésbica é só uma faceta da minha identidade. E isso é entre tantas, de ser esposa, de sabe... Ser mãe de gato. Tem tantas outras facetadas da minha identidade. E ser atleta eu acho que poderia cada vez mais ser o foco e a prioridade, podemos dizer. O meu ofício e minha profissão, e não a lésbica que também é atleta. (comunicação pessoal)

Em relação a sexualidade ser colocada em evidência, foram essas as colocações

Ah, foi nas Olimpíadas mesmo. Saiu em tudo quanto é jornal do mundo inteiro a lista de todos os atletas LGBTs do mundo e minha cara tava sempre lá. Mas normal, normal assim... Tanto pra mim quanto pra minha família era uma coisa meio que assim, irrelevante sabe [...] Mas isso não quer dizer que eu não me importe com as pessoas que realmente sofrem preconceito. (A1, comunicação pessoal)

[...] você tem que ser uma pessoa de caráter e ser lembrado pelo que você produz, pelo que você é, sabe. Você ser lembrado pelo ótimo atleta que você é, ótimo profissional que você é e depois a sexualidade vem. (A1, comunicação pessoal)

A3:

Vou falar pra você, eu não me lembro disso assim. Justamente por eu não dar a chance de alguém ficar jogando isso na minha cara. Foi o que eu falei, eu sempre fui muito reservada. (A3, comunicação pessoal)

Então isso não dava a chance de falar isso que você falou ‘nossa, isso é mais importante que o seu trabalho’. Eu não queria transparecer isso em momento nenhum. [...] Então, sobre isso a gente não se permitiu a fazer isso. O seu pessoal não é mais importante que o seu trabalho. (A3, comunicação pessoal)

Quando tratada a questão de representação como atleta, são bem diversas as opiniões. A A2 compreende seu lugar de exemplo para outras pessoas, como discutido nos dizeres do atleta herói, no qual sua representatividade pode refletir em crianças e jovens ao se identificar com características do esportista. Nesse caso específico, a sexualidade.

(Depois do pedido de casamento) [...] a gente teve que parar, sentar e conversar sobre ‘a gente vai aceitar essas pautas?’ Ou a gente para e fala ‘essa é nossa vida particular’ e não falamos sobre isso mais?’ e ir desenhando um limite de privacidade. E a gente pensou muito sobre o que queríamos fazer como casal mesmo. E a gente percebeu o efeito que esse pedido teve em várias pessoas anônimas, que nós não conhecemos pessoalmente e que não conhecem a gente, mas que entraram em contato pra dizer que foi um gesto que foi muito importante pra elas. E eu pensei que ‘poxa, eu talvez teria tido uma vida muito mais diferente se eu tivesse visto isso quando tinha 12/13 anos’. Então foi um momento de perceber que sim, precisamos falar sobre isso e talvez a gente consiga chegar nessas pessoas (não as únicas que vamos falar sobre isso), mas podemos fazer parte dessa militância. (comunicação pessoal)

[...] eu penso que se na minha adolescência a gente nem falava sobre [...] eu talvez senti que o meu pedido de casamento foi uma coisa que era notícia na época e eu espero que seja cada vez menos notícia pra quem vem na frente. E hoje em dia as pautas têm outra linguagem, tem outro tom, é menos pesado, são mais pessoas comemorando a felicidade e o amor. Então dentro da minha vida eu consegui perceber essas mudanças. Me dá muita esperança, me deixa muito otimista que as coisas estão indo na direção certa. (comunicação pessoal)

Ao ser questionada sobre o mesmo, a A1 não diz ser levantadora de bandeiras nem de militâncias, porém o que diz mostra diferente

[...] eu nunca fui de erguer bandeira nenhuma, sabe, nunca fui de me engajar dentro de bandeira e de grupos LGBTs (...). Agora que eu me

aposentei e não sou mais atleta, eu comecei a acompanhar muito mais o futebol feminino tanto aqui nos Estados Unidos quanto no Brasil, e isso sim eu vejo que tem muito preconceito, tem muito machismo, e é uma coisa que eu brigo mesmo na internet quando vejo alguma coisa e algum comentário maldoso demais. Eu vou lá e brigo e brigo e defendo mesmo. (comunicação pessoal)

Considerações finais

O presente trabalho conseguiu coletar falas e apresentar argumentos sobre as experiências de LGBTQIA+ dentro do esporte de alto rendimento e olímpico, demonstrando questões sobre preconceito, representatividade e como a decisão de se assumir foi vista tanto no esporte, quanto na vida pessoal das atletas.

Os resultados da investigação acerca das interferências interpessoais nos mostram que para algumas atletas houve um momento determinante em que decidiram se apropriar dessa pauta de discussão, visto que estariam renunciando a uma parte da vida particular e tratando a sexualidade de forma pública. A indecisão de falar sobre o assunto se volta para a questão de que estariam ‘levantando bandeira’, e com isso, teriam seu nome associado ao movimento LGBTQIA+. O receio das entrevistadas foi o mesmo quando abordada essa questão: ser reconhecida pela orientação sexual mais do que pelas conquistas enquanto atletas; pela profissão.

Passando para as interferências profissionais, realmente vimos um apoio de toda a equipe técnica, independente da atleta ser de modalidade coletiva ou individual, com colocações que exemplificam que todos sabiam e mesmo assim não faziam distinção das outras. Porém vimos o futebol como um esporte mais cobrador de resultados que utiliza a sexualidade para justificar erros e acertos. O que nos traz o preconceito enraizado e velado da sociedade, provindo não apenas de comportamentos, mas também de verbalizações e muitas vezes de forma sutil. Com isso, vemos a dificuldade das atletas em identificarem o que é ou não preconceito, passando até a responder que nunca sofreram nenhum tipo de discriminação. Contudo, essa coragem do se assumir carrega vários riscos, não só se tratando de atletas, mas de outras pessoas em geral. Riscos esses como a violência física e psíquica, perda dos laços afetivos com a família e amigos, de patrocinadores, chegando ao risco da própria vida.

Falar sobre a mídia englobando toda a amostra do trabalho é impossível, visto que uma das atletas só tornou sua sexualidade pública após se aposentar do esporte. Porém é importante salientar a maior visibilidade do assunto em época de Jogos

Olímpicos, quando toda a imprensa procura colocar atletas LGBTQIA+ como centro de notícias. Logo, é sim temporária a visibilidade midiática das atletas quando dizemos sobre essa pauta.

Referências

- 1 Rubio K. O atleta e o mito do herói: o imaginário esportivo contemporâneo. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2001.
- 2 Thompson JB. Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes; 1995.
- 3 Rubio K, Reppold Filho AR, Todt NS, Mesquita RM. Ética e compromisso social nos estudos olímpicos. Porto Alegre: EDIPUCRS; 2007.
- 4 Rossi J. (DES) Construindo atletas olímpicas: análise das práticas discursivas sobre mulheres atletas, no contexto das Olimpíadas de 2016. Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress [citado 20 mar 2020]. Florianópolis; 2017. Disponível em <http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/bitstream/tede/3705/2/J%C3%BAlia%20Andr%C3%AAs%20Rossi.pdf>.
- 5 Souza JSS, Knijnik JD. A mulher invisível: gênero e esporte em um dos maiores jornais diários do Brasil. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*. 2007;21(1):35-48.
- 6 Camargo W. O armário da sexualidade no mundo esportivo. *Revista Estudos Feministas*. 2018;26(1):1-18.
- 7 Tredway K. Judith Butler Redux—the heterosexual matrix and the out lesbian athlete: Amélie Mauresmo, gender performance, and women's professional tennis, *J. Philos. Sport*. 2014;41(2):163-176.
- 8 Wittig M. O pensamento hetero. In: Buarque de Hollanda S. *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, 83-92.
- 9 Goellner SV. Gênero e esporte na historiografia brasileira: balanços e potencialidades. *Tempo*. 2013;19(34):45-52.
- 10 Rodrigues A. Vai começar a Champions LiGay: conheça as histórias e como surgiu o primeiro Brasileirão homossexual [citado 15 mar 2020]. *Lance*; 2017. Disponível em <https://bit.ly/2qzsK6q>.
- 11 Silva ANN. Homossexualidade e discriminação: o preconceito sexual internalizado [tese]. Rio de Janeiro: Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica; 2007.
- 12 Pereira ASLS. Representações sociais do homossexualismo e preconceito contra homossexuais. [dissertação]. Goiânia: Universidade Católica de Goiás; 2004.
- 13 Camargo WX. Uma história diferente: os Gay (Olympic) Games e sua origem. *Revista Homium*. 2014;1(15):36-54.
- 14 Guimarães AS. *Preconceito e discriminação*. São Paulo: Editora 34; 2004.